

Jazz

7 de dezembro 2012

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

William Parker

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Contrabaixo William Parker

Sex 7 de dezembro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M3

Um fluxo de sons

«É função do artista incitar à revolução política, social e espiritual, acordar-nos do sono em que estamos mergulhados e não nos deixar esquecer das nossas obrigações enquanto seres humanos, de maneira a podermos atear o fogo da compaixão. Os sons da iluminação são infinitos. Não há limites para a felicidade e para a nossa capacidade de amar.»

William Parker é uma carta fora do baralho, alguém que teima em não caber na caixa das arrumações simplificadoras. Mostra-o seu invulgar trajeto, o discurso que vem produzindo em livros como *Music and the Shadow People* e *The Mayor of Punkville* e também os propósitos que o movem. O mais audacioso e intrigante foi aquele que recentemente se traduziu no álbum *Long Hidden*, em que procura descobrir as ligações musicais entre a tradição Olmec, antepassada dos Maias, e a Mandinga, transpondo todo o oceano que separa a América do Sul e África. Graças a esse investimento de busca ficámos cientes, até, de uma realidade maior, como a dos elos entre o zydeco do Louisiana e o funaná de Cabo Verde...

Hoje é uma das personalidades mais amplamente reconhecidas do jazz dito «de vanguarda» (e não só, como verificamos com os projetos *Raining on the Moon* e *The Inside Songs of Curtis Mayfield*), mas foi necessário que partisse pedra durante cerca de 20 anos para que, finalmente, lhe fosse concedido esse estatuto. Por estranho que pareça, as suas colaborações com Cecil Taylor, Don Cherry, Sunny Murray,

Alan Silva, Bill Dixon e Milford Graves ofuscaram-lhe os contributos quando mais natural seria que projetassem o seu nome.

Da condição de *sideman* à de líder de grandes formações como *In Order to Survive* e *The Little Huey Creative Music Orchestra*, o passo foi de gigante, mas nem isso faria supor que Parker se tornasse num marco da comunidade musical de Nova Iorque e mesmo dos habitantes do bairro onde tem sede a associação que fundou com a bailarina, e sua mulher, Patricia Nicholson, a *Arts for Art*. A ação desta está longe de se ficar pela organização do *Vision Festival* – passa igualmente pela angariação de fundos para apoio a músicos necessitados e pela mobilização criativa de pessoas que nunca haviam tido aspirações artísticas, mas que, além da música, ganharam a oportunidade de estudar e praticar disciplinas como a dança, a poesia, a pintura e a escultura.

O ativismo social, intelectual e humanista de William Parker fez com que se tornasse numa figura agregadora e de dinamizações várias, conseguindo o que se julgaria improvável em contexto de indiferença, precariedade e marginalização cultural como o que hoje se vive nos EUA. De resto, encontra-se na declaração de intenções da entidade de que é mentor o objetivo de agitar as consciências: «A constituição da *Arts for Art* é em si mesma um ato de autodeterminação. A *AFA* crê que a arte pode, realmente, mover as pessoas e que fazê-lo é um poderoso ato político.»

São conhecidas as simpatias do músico pelo *Revolutionary Communist*

Party, mas nem isso o “classifica”. O seu *Blueprint for a Cultural Revolution* baseou-se nos escritos publicados por Bob Avakian, o secretário-geral deste partido de inspiração maoísta, em *Basics*. Trata-se, no entanto, de alguém com uma espiritualidade e um misticismo semelhantes aos de John Coltrane. O budismo e a leitura do *Baghavad Gita* tornaram-no num pouco ortodoxo militante de esquerda. Não é raro que os seus concertos envolvam algum tipo de ritual, com mantras e incenso, não o preocupando a acusação de que esses procedimentos têm a tónica *free out* dos tempos do Flower Power.

O certo é que Parker tem um entendimento da política algo diferente do convencional. A sua intervenção faz-se com gestos que muito dizem da personalidade deste nosso visitante. Foi nos seus braços que morreu Peter Kowald, minutos após ter sofrido um ataque cardíaco em pleno palco. Este vinha de um passado na fundação do free jazz europeu aquando da década de todas as revoluções, tendo o seu arranque na gravação do simbólico *Machine Gun*, de Peter Brotzmann, em que participou. Quando o histórico Henry Grimes, que havia tocado com Albert Ayler e depois desaparecera, foi encontrado em avançado estado de bipolaridade vivendo como um sem-abrigo, foi ele quem lhe ofereceu um contrabaixo para poder voltar às lides musicais.

Curiosamente, é a solo que mais integralmente expressa as suas ideias este mesmo homem que vem desenvolvendo autênticos serviços públicos e que coor-

dena as bandas tendo acima de tudo em conta as características pessoais dos seus parceiros, nisso aprofundando o comportamento do mais democrático dos diretores de orquestra, Duke Ellington. Tantas vezes possibilitando, de resto, o lançamento de novos valores, como aconteceu com Leena Conquest, sua pupila em canções que falam sobre a realização do impossível, como declarar feriado nacional no dia em que nasceu o chefe índio Sitting Bull ou chover na Lua. No seu caso, não se trata de uma fórmula egocêntrica e sim da partilha de uma pesquisa individual, por espírito de missão, ou seja, por considerar que é do interesse geral e do interesse de uma visão progressista da arte. William Parker pode ser “retro”, mas é também um futurista...

Sem estudos clássicos, apesar de ser dos poucos, muito poucos, contrabaixistas de jazz que privilegiam o manejo do arco, o que faz a sós com o seu instrumento principal (utiliza também o shakuhachi, o doussn’gouni, o guimbri, a kora, diversos sopros de palheta dupla e percussão) transmite os ensinamentos que recebeu de Richard Davis, Art Davis, Milt Hinton, Wilber Ware e Jimmy Garrison e acrescenta os seus próprios. Nunca lhe interessou preparar um manual do contrabaixo, pelo que não foi por motivos académicos que fez questão de enumerar, definir e divulgar as suas técnicas, assim permitindo que outros as apliquem. A começar pelos alunos a quem diretamente vai passando o seu “testemunho” e algo mais do que é habitualmente ensinado: «As escolas não comunicam as qualidades

sobrenaturais da música; são mais práticas, por assim dizer.»

Essas técnicas foi Parker buscá-las a várias músicas, designadamente às dos índios norte-americanos, da Ásia, com relevo para o Japão e para a Índia, da África Ocidental e particularmente da Gâmbia e ainda à dos blues do Delta, adaptando-as e privilegiando determinados aspetos. Deu-lhes nomes curiosos, como “técnica sem notas” ou “técnica do tambor”. É a sua «prenda» para as novas gerações, «música que surge de diversas formas, embrulhada e desembrulhada, umas vezes coberta por seda, outras por cinza». Com esta explicação: «Não se trata de jazz especificamente, trata-se de som tal como é revelado pelos mistérios da vida. Trata-se daqueles que disserem sim ao murmúrio de uma flor ou ao grito de um furacão azul.»

Não que Parker dê especial importância aos aspetos técnicos. Estes servem-lhe apenas para servir «aquilo que a música pede». O que lhe suscita um comentário: «O que designamos por técnicas extensivas são as técnicas normais na Índia. O que chamamos música microtonal é em África a música que se faz todos os dias. É tudo uma questão de perspetiva. O conceito de “técnica extensiva” não faz qualquer sentido para mim. O que se usa para produzir um som é o que se usa...»

O contrabaixo representa, para William Parker, a chave, «o princípio de tudo o resto». É com ele, através dele, que ouve os pigmeos Benanzuli em Grandmaster Flash ou discos fundamentais como *Spirits Rejoice* (Albert

Ayler), *A Love Supreme* (John Coltrane), *Karma* (Pharoah Sanders), *Fables of Faubus* (Charles Mingus) e *Things Got to Change* (Archie Shepp). É o contrabaixo que o faz levantar e entrar no território do espírito, aquele lugar em que «a quietude pode ser tão intensa quanto a intensidade». Assim, se «o que torna a flor bela é a música que tem dentro», segundo o que aprendeu da tradição Sufi, «dar às pessoas», para si, também é «parte da música», é uma extensão do ato de criar. Maoísmo budista, portanto, e não obstante os paradoxos inerentes.

«Sempre que fazemos música, elevamo-nos e somos conduzidos para um corredor de luz. Se tocarmos os tons certos, há uma porta no final do corredor, levando-nos para uma sala onde estão guardados os segredos da vida. É-nos permitido tirar um dos segredos e guardá-lo. Depois, a música desce e voltamos ao estado normal. Não foi o homem que inventou a música; descobriu-a, descobriu o “fluxo de som”. Quando tocamos, atiramos linhas para o fluxo de som, esperando que este venha até nós como música. Tem uma vida própria, a música, não somos nós que a movemos. Somos levados. Não a podemos conduzir para um sítio novo, pois a música é mais velha do que nós, é mais sábia do que nós, é mais profunda do que nós. Para quê, então, tentar dirigi-la?»

Imprescindível, para esta idiossincrática figura do jazz nova-iorquino, é que se toque, que se toque sempre, mesmo que haja um só ouvinte: «Se não o fizermos algo sai do seu eixo. Só temos de saber cavalgar a onda. Quando

o conseguimos, podemos tocar durante horas e horas, sem nos cansarmos e sem nos repetirmos. Precisamos é de viver o momento, o que é difícil porque os músicos são treinados para controlar a música, quando o necessário é rendermo-nos à música. Quanto mais se toca, mais coisas encontramos para tocar. É um rio sem fim de cores e formas e sons.»

Com esta postura, é a própria ideia de vanguarda que Parker contradiz. Não se trata de mudar de linguagem constantemente, de inventar novos vocabulários e gramáticas, mas de utilizar a existente de maneiras diferentes. Mais importante do que avançar com um novo som é transformar um som já em utilização. De cada vez que pega no contrabaixo, William Parker recomeça. Um solo tanto quanto a revolução...

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta

William Parker

William Parker é músico, improvisador e compositor. Toca contrabaixo, *shakuhachi*, instrumentos de sopro de palheta dupla, tuba, *donso ngoni*, e *gembri*. Nasceu em 1952 no Bronx, em Nova Iorque. Estudou contrabaixo com Richard Davis, Art Davis, Milt Hinton, Wilber Ware e Jimmy Garrison. Iniciou-se na cena musical em 1971, tocando em Studio We, Studio Rivbea, Hilly's on The Bowery e The Baby Grand, com muitos músicos de vanguarda como Bill Dixon, Sunny Murray, Charles Tyler, Billy Higgins, Charles Brackeem, Alan Silva, Frank Wright, Frank Lowe, Rashid Ali, Donald Ayler, Don Cherry, Cecil Taylor, Jimmy Lyons, Milford Graves e com tradicionalistas como Walter Bishop, Sr. e Maxine Sullivan. Projetos anteriores com a bailarina e coreógrafa Patricia Nicholson, sua mulher, e outras encomendas foram construindo uma obra extensa de música escrita para múltiplas formações, do instrumento solista à big band, incluindo óperas, oratórias ou música para filmes.

Parker tocou com o grupo de Cecil Taylor de 1980 até 1991. Estabeleceu também uma forte relação com a música improvisada europeia apresentando-se com músicos como Peter Kowald, Peter Botzmann, Han Bennink, Tony Oxley, Derek Bailey, Louis Sclavis e Louis Moholo.

Começou a gravar em 1994 e a liderar as suas bandas regularmente, fundando dois ensembles, In Order To Survive e The Little Huey Creative

Music Orchestra. Em 2001 editou o disco *O'Neal's Porch* que marcou uma mudança de direção para um som mais universal, trabalhando com o baterista Hamid Drake. Seguiu-se o quinteto The Raining of the Moon, com a vocalista Leena Conquest e o quarteto que gravara *O'Neal's Porch*. De entre os mais recentes projetos destaca-se o álbum *Inside Songs of Curtis Mayfield* (2007).

Ensinou em Bennington College, na Universidade de Nova Iorque, em The New England Conservatory of Music. Dirigiu workshops por todo o mundo, incluindo Paris, Berlim e Tóquio e no Lower East Side de Nova Iorque.

Parker é também um teórico e autor de diversos livros, como *Sound Journal* e *Document Humanum*, e dois livros de poesia: *Music and The Shadow People* e *The Mayor of Punkville*. A sua discografia como líder inclui mais de 20 títulos.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero)



Edward Yang – Histórias de Taipei

Ciclo comissariado
por Augusto M. Seabra

Cinema de qui 13 a dom 16 dezembro
Pequeno Auditório · Filmes legendados
em inglês · M12



Qui 13, 21h30 *In our time/Expectation*, 1982 (30'); *Taipei Story*, 1985 (1h55)
Sex 14, 21h30 *The Terrorizers*, 1986 (1h49) **Sáb 15, 15h** *A brighter summer day*, 1991 (3h57) **Dom 16, 15h** *A confucian confusion*, 1994 (2h05) **18h30** *Mahjong*, 1996 (2h01)

Quando em maio de 2007 a Culturgest apresentou o ciclo Hou Hsiao-Hsien a ideia original era de reunir os dois mais proeminentes autores do novo cinema de Taiwan, incluindo também Edward Yang. A associação era aliás tanto mais justificada pelos laços entre ambos: Hou Hsiao-Hsien participou na produção e na escrita do filme que revelou internacionalmente Yang, *Taipei Story*, no qual é protagonista, e Yang faz uma breve aparição em *Um Verão com o Avô* do outro, para o qual também compôs a música. Contudo não tiveram então resposta as tentativas de contacto com Yang. As razões soubemo-las infelizmente um mês depois: Edward Yang morreu a 29 de junho de 2007.

No ano passado foi pela primeira vez apresentada a versão restaurada pela World Cinema Foundation do monumental *A Brighter Summer Day*. Graças à colaboração da Cinemateca Francesa, que logo depois organizou uma retrospectiva, e nos facultou os contactos, bem como à autorização de Kaili Peng, viúva de Yang, é enfim possível à Culturgest realizar este tão desejado ciclo, que apenas não inclui a primeira longa-metragem, *That Day, on the Beach*, e a derradeira, *Yi Yi*, esta a única estreada em Portugal.

Edward Yang (Yang Dechang), nasceu em Xangai em 1947, e a sua família foi uma das muitas que rumaram a Taiwan quando da vitória comunista em 1949. Estudou nos Estados Unidos e foi certamente o mais “ocidentalizado” dos realizadores de Taiwan, mas foi também, como poucos outros, o cineasta de uma cidade, Taipei. E foi um dos grandes cineastas das últimas duas décadas do século XX.

Augusto M. Seabra

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves chefe

Artur Brandão

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
